

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
**ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS DE “PRIDE AND
PREJUDICE”, DE JANE AUSTEN: PERSPECTIVAS
PEDAGÓGICAS PARA JOVENS LEITORES**

Vitória Elizabete Gonçalo da Silva (UVA)
vitoriaelizabetegds@hotmail.com
Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)
silvana.dias@uva.br

RESUMO

O objetivo do artigo é desenvolver uma leitura crítica de adaptações de clássicos da literatura inglesa, em especial, das Histórias em Quadrinhos em português (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016) e em inglês (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011), indicando conexões literárias e pedagógicas. O trabalho indaga, além de aspectos propriamente textuais da literatura adaptada, sobre especificidades ligadas à formação do jovem do leitor em diálogo ativo como o cânone literário ocidental, inclusive considerando as forças culturais e políticas que dão lastro e sustentação às adaptações como gênero discursivo. O corpus inicial da pesquisa foi formado por adaptações, em língua portuguesa e inglesa, de “Orgulho e preconceito” [“Pride and Prejudice”, 1813], da escritora inglesa Jane Austen. Por fim, este trabalho, de natureza interdisciplinar, pretende articular estudos que interessam a áreas acadêmicas como Literatura, Cultura e Língua Inglesa, Literatura Ocidental e Letramento Literário com vistas ao empoderamento do leitor infantojuvenil, em espaços de escolarização.

Palavras-chave:

Letramento literário. Intermedialidade e semiótica. Conexões literárias e pedagógicas. Adaptações para HQ de *Pride and Prejudice* [1813].

ABSTRACT

The purpose of the article is to develop a critical reading of adaptations of classics of English literature, in particular, of the comic book in Portuguese (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016) and in English (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011), indicating some literary and pedagogical connections. This research approaches textual aspects of adapted literature and characteristics related to the formation of the young reader in active dialogue with the western literary canon, and also considering the cultural and political forces that give support to adaptations as a discursive genre. The initial corpus of this research was formed by adaptations of “Pride and Prejudice”, in English and Portuguese language, written by the English writer Jane Austen. Finally, this interdisciplinary work aims to articulate different academic fields, such as British Literature and Culture, English language, Western literature and Literary Literacy, with the objective of empowering the young reader.

Keywords:

Literary literacy. Intermediality and semiotic. Literary and educational connections. HQ adaptations of “Pride and Prejudice” [1813].

1. Considerações iniciais

As adaptações literárias encontram-se de tal modo em meio a uma série de disputas e contestações que, quando se pensa na viabilidade de sua presença no meio educacional, uma série de elementos se colocam, que vão da qualidade do texto adaptado a questões relativas ao mercado. Desde o princípio, em um trabalho com adaptações, é necessário haver um compromisso tanto com situação textual propriamente dita quanto com a inserção histórica e cultural das produções literárias e artísticas. Assim sendo, não se deve partir para as conexões pedagógicas sem uma cuidadosa investigação crítica prévia, considerando-se a complexidade do diálogo estabelecido com o texto-fonte, sobretudo quando se trata de clássicos da literatura do Ocidente, e aspectos da recepção dos textos canônicos no Brasil.

No ano de 2018, foi desenvolvido, no âmbito da Universidade Veiga de Almeida, *campus* Tijuca, Rio de Janeiro-RJ, extenso trabalho intitulado “Clássicos literários ingleses adaptados para jovens leitores no Brasil”. Com base nele, conceitos e problemas diversos, no que tange ao processo de adaptação, condensação e tradução, foram abordados, tendo com objetivo último estabelecer critérios seguros para o desenvolvimento de práticas de letramento literário no contexto de aulas de literatura inglesa e de literatura universal, em diferentes níveis da Escola Básica. A prática adaptativa foi abordada com base em um corpus delimitado de obras que foram lidas criticamente em perspectiva sócio-histórica, de modo que dimensões linguístico-literárias, éticas e políticas da leitura literária pudessem ser abordadas em curso de Formação de Professores.

Nesse contexto, o presente artigo apresenta os dados colhidos ao longo de uma das fases da pesquisa, especialmente dedicada a adaptações para HQ de “*Pride and Prejudice*” [1813], de Jane Austen [1775-1817], de modo a destacar elementos que podem colaborar com o empoderamento do leitor infantojuvenil, inserido-o em uma relação ativa de sentidos com o texto, com seus colegas e com a sociedade; portanto, complexificando as relações que literatura a escola podem estabelecer com o mundo circundante.

2. Obras clássicas em debate: conceitos preliminares

Para a elaboração de uma pesquisa que tem como base adaptações realizadas a partir da literatura canônica, tendo em vista práticas de leitu-

ra literária em sala de aula, convém esclarecer conceitos relevantes como “cânone”, “literatura clássica” e “práticas de letramento literário”. Sobre “cânone”, esclarece Perrone-Moisés: “A palavra *cânone* vem do grego *Kanón*, através do latim *canon*, e significa ‘regra’. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61).

De acordo com Curtius, a primeira seleção de livros anteriores foi feita por filósofos alexandrinos para estudo na escola de gramática, por obedecer a critérios de correção gramatical, e eram chamados de “os aceitos” (CURTIUS, 1957, p. 257-8 *apud* PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 62). A primeira vez que o termo foi relacionado a nomes de escritores foi no século IV. Posteriormente, Dante acrescentou autores gregos e árabes ao seu cânone (*Id., ibid.*). Assim, a formação do cânone moderno inicia-se no renascimento italiano e, em seguida, “irradia sobre a teoria francesa dos séculos XVI e XVII” (*Id., ibid.*). O cânone francês era mais fechado, devido à centralização acadêmica e o anseio de regulá-lo sistemicamente, segundo Perrone-Moisés. No século XVIII, na esteira de Kant, o juízo estético deixou de ser universal, o que oferece os contornos para a perspectiva moderna do cânone.

Perrone-Moisés revela que o epíteto “clássico” consiste em uma classificação dos cidadãos conforme a fortuna, tendo sido usado pela primeira vez em Roma, no século II, sendo que “os da primeira classe” seriam os chamados “clássicos” (*Id., ibid.*). Dessa forma, segundo ela, os autores “clássicos” são modelo supremo, “arquétipo de gosto”, ideal máximo que “não pode ser representado por conceito, mas somente numa apresentação singular” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 63). Já no século XX, os escritores-críticos modernos realizavam suas seleções para definição de canônico baseando-se seu gosto estético em suas práticas pessoais. A preocupação pedagógica era fornecer aos mais jovens um currículo mínimo de leituras formadoras, ao lado de importantes listagens da antiguidade (*Id., ibid.*)

A origem desses conceitos nos faz compreender a reflexão levantada por Alexander a respeito de literatura ocidental que é apresentada como sendo aquela que é vista de longe por muitos, que não aborda as tradições e as línguas locais (ALEXANDER, 2012, p. 12). Tal concepção, segundo ele, foi causada a partir do movimento do Romantismo, que teria fatiado a literatura Ocidental em literaturas nacionais, de modo que as obras canônicas ocidentais passassem a serem vistas como pertencentes à outra nação. Disso decorreria o sentimento de “estar fora” da pró-

pria tradição. O estudioso comenta:

De maneiras diversas, outros pensadores da literatura basearam as suas teorizações nessa mesma sensação de ver a literatura de longe, de se encontrar fora da própria tradição. Antônio Candido, partindo de uma abordagem coletivista e sociológica, postula um processo de Formação da Literatura Brasileira: um processo dialético, onde a tensão entre a tradição ocidental e as condições locais resulta numa síntese que supera tanto a imitação do estrangeiro quanto as limitações do nacionalismo. (ALEXANDER, 2012, p. 13)

Vemos que elementos levantados a respeito do conceito de cânone reforçam a ideia de que a literatura canônica e/ ou clássica não é para o/do povo, entretanto, apenas da/para a elite. Ou seja, não apenas nacionalmente como também socialmente a literatura é vista à distância. A respeito disso, Alexander apresenta a concepção de que “cânone é uma estrutura baseada na influência, e a canonicidade é definida pela capacidade de influenciar” (ALEXANDER, 2012, p. 154).

Dessa forma, podemos entender uma obra canônica como aquela que representou influência para determinado espaço ou período temporal. Além disso, há a necessidade de a literatura ser encarada de forma comparada, para que o jovem leitor se imagine parte da civilização ocidental, repensando as obras literárias de sua própria região (ALEXANDER, 2012, p. 276). Mais ainda, percebe-se a importância de se democratizar a literatura – como também todas as artes – no sentido de que aquilo que é prestigiado, o estudante da classe baixa também tem o direito de apreciar, de compreender, de apropriar. Essa democratização seria “empoderar” o leitor infantojuvenil brasileiro.

Convergindo com as reflexões de Alexander (2012), Zappone e Yamakawa (2013, p. 188) recupera os conceitos de “letramento literário vernacular” e de “letramento literário dominante”, elaborados por Brian Street⁷⁶, tendo em vista o estímulo à aproximação do universo do estudante da Escola Básica. Rememorando, para Street, letramento vernacular implica práticas não formalizadas de leitura, muitas vezes consideradas ilegítimas; e letramento dominante seriam as leituras realizadas no contexto escolar, relacionadas à cultura letrada, aos letramentos institucionalizados e padronizados (ZAPPONE; YAMAKAWA, 2013). Os autores apontam que “a escola enfatiza um modelo em detrimento do outro,

⁷⁶ STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

desconsiderando heterogeneidade do ambiente, dos sujeitos e dos múltiplos letramentos [...]” (ZAPPONE; YAMAKAWA, 2013, p. 190), além de um ensino descontextualizado. Dessa forma, a escola, ao não considerar a complexidade da leitura hoje, acaba por provocar uma reação negativa dos estudantes em relação às práticas de leitura literária. Ao contrário, a escola poderia estimular um diálogo ativo e participativo entre o aluno e as obras canônicas, estimadas por seu cunho cultural e artístico, por meio da construção de novos sentidos, ao correlacionar nuances várias com textos literários pertencentes às culturas diversas dos estudantes, desconstruindo a concepção polarizada e os choques entre os letramentos (ZAPPONE; YAMAKAWA, 2013, p. 196).

De acordo com pesquisa realizada por Zappone e Yamakawa (2013, p. 191) com alunos do 1º ano do Ensino Médio de um colégio público de Maringá, Colégio Estadual Doutor Gastão Vidigal, foi constatado que 100% dos alunos participantes declaravam ler literatura em casa, principalmente literatura estrangeira de massa. Eles não encontravam na aula de literatura seus anseios e expectativas sanados. Mais ainda, em Ceccantini (2016), vemos dados de pesquisas das últimas décadas que revelam que o percentual de jovens leitores (população entre 11 a 17 anos) é, proporcionalmente, bastante superior ao da média do leitor brasileiro em geral (CECCANTINI, 2016, p. 85). Esses dados corroboram a pesquisa feita por Zappone e Yamakawa (2013), apontando-nos o fato de que é preciso pensar nas práticas de aula de incentivo à leitura – em nosso caso, na/da língua estrangeira – que crie pontes com outras culturas, com outras classes (seja de alta para baixa ou vice-versa), com outras gerações, com outras línguas e assim por diante.

Na tese de doutorado de Paula Renata de Araújo defendida na FFLCH-USP em 2017 (ARAÚJO, 2017), vemos que o surgimento da literatura infantojuvenil ocorre concomitantemente à adaptação de obras literárias para adultos, de prestígio reconhecido, com a obra “D. Quixote”, tanto na Espanha quanto em Portugal e no Brasil. Ela mostra que uma boa adaptação não implica uma redução da obra original e, sim, conta com técnicas específicas de simplificação da linguagem e dos acontecimentos, contando com uma interação entre o leitor e a narrativa de forma que haja uma compreensão de acordo com o repertório linguístico e vocabular dele. A autora cita o exemplo de uma das primeiras adaptações de D. Quixote, intitulada “D. Quijote para el niños y pueblos”, feita por

Fernando de Castro e publicado em 1856⁷⁷, a qual segue a premissa de que uma obra seria prestigiada se fosse acessível a todos – independentemente de diferenças de idade e de escolaridade –, ou seja, seria uma obra que todos tivessem o direito de ler (ARAÚJO, 2017).

Neste ponto, seria apropriado levantar questões específicas ao universo da adaptação, elaborando-a do ponto de vista dos recursos pedagógicos ali presentes e das possibilidades de aproximar a perspectiva vernacular e a perspectiva autônoma de letramento. Ao pesquisar múltiplas narrativas adaptadas, identificamos o gênero “história em quadrinhos” como um dos mais apropriados para uma adaptação de uma obra clássica hoje, principalmente considerando-se sua combinação de mídias e os recursos imagéticos que agregam a compreensão da narrativa em língua estrangeira, em nosso caso, o inglês. Ou seja, é um gênero híbrido por exemplificar três tipos de intermedialidade⁷⁸. Nesse sentido, é oportuno tecer reflexões sobre o gênero, considerando-se sua historicidade e sua dialogicidade, para falar com Bakhtin (1992).

A origem das histórias em quadrinhos, segundo Lovreto (2011, p. 11), remontaria à pintura rupestre, pois a primeira forma de registro do ser humano seria a arte sequencial. Para ele, a origem das histórias em quadrinhos já revela o quanto ela está inserida no estímulo à leitura e o desenvolvimento de outras linguagens que vieram posteriormente. Ele destaca vários tipos de artes sequenciais ao longo da história e das culturas: hieróglifos egípcios, panos e desenhos da Via Sacra de Jesus, túmulos de reis na Idade Média, tapeçaria de Bayeux etc. E ainda declara que é “uma linguagem econômica e coloquial” (LOVRETO, 2011, p. 11.), cuja força visual vem ao encontro da necessidade de comunicação moderna.

Nesse sentido, a história em quadrinhos amplifica uma narrativa democrática, pois pode ser meio de comunicação em que analfabetos, surdos, crianças homens e/ou mulheres das cavernas podem entender. E, por isso, foi a linguagem escolhida por Jean-Charles Pellerin para popu-

⁷⁷ CERVANTES, M.. *El Quijote de los niños y para el pueblo*. Madrid: Imprenta de José Rodríguez. Adaptado por Fernando de Castro – 1856.

⁷⁸ O conceito de intermedialidade se refere a interação entre as mídias contendo 3 maneiras fundamentais elencadas por Cluver (2011): composição midiática texto (assimila formas expressivas de duas mídias distintas) transposição midiática (transferência de conteúdo de uma mídia a outra) e referência midiática (citação de uma mídia em outra, como uma pintura ser referenciada no cinema).

larizar histórias da revolução francesa, no período entre o século XVII e XVIII (LOVRETO, 2011, p. 11.). Mais ainda, Lovreto (2011) destaca que o precursor do gênero “quadrinhos” era professor, e esse fato contribuiu para a percepção da importância dos quadrinhos para o ensino.

Ao longo do tempo, o gênero sofreu inúmeras modificações, até chegar no que conhecemos hoje. O texto foi agregado às imagens sequenciais posteriormente, e, na época moderna, surgiram diversos personagens conhecidos por nós, alguns em âmbito brasileiro, outros em âmbito internacional, tais como os heróis dos EUA; “A Turma da Mônica”, de Maurício de Souza; “O menino maluquinho”, de Ziraldo, dentre outros. Assim sendo, Lovreto (2011) constatou que os quadrinhos formam uma linguagem da comunicação atual e, ao mesmo tempo, ancestral:

[...] a origem da linguagem dos quadrinhos se confunde com a história da humanidade. É tão atual quanto os rabiscos feitos por aquele homem das cavernas. É nosso momento de criação. Como pequenos deuses dando vida ao nosso mundo. Com um papel e lápis podemos recriar o universo, assim como Da Vinci e os grandes inventores. (LOVRETO, 2011, p.14)

Em palestra disponível no *Youtube* (LOVRETO, 2016), Lovreto afirma que o uso de quadrinhos em sala de aula amplia as possibilidades de leitura do público jovem. Mesmo com o grande número de mídias tecnológicas, a leitura de texto no meio físico não perde sua importância. Segundo o autor, no Japão, são vendidos mais de 2.000.000 de mangás, mesmo esse sendo um lugar de referência em termos de desenvolvimento e acesso tecnológico (LOVRETO, 2016). Essa relevância já está comprovada por ser uma linguagem rica, uma vez que contém quadros, balões, desenhos, palavras, representação sonora por meio de onomatopeias, e tudo isso proporciona estímulo de jovens e crianças à leitura (LOVRETO, 2016; cf. em especial 4min e 31s iniciais). Inclusive, ele aponta que o fato de os HQ serem por meio impresso os torna ainda mais estimulante para o aprendizado, já que “a leitura em impressão ajuda na captação de informações em 30% a mais que a leitura em plataforma. E o visual trabalha a memória de forma efetiva” (LOVRETO, 2016; cf. em especial 4min e 31s iniciais; transcrição nossa). É uma linguagem que respeita o tempo de assimilação de cada um. O aluno pode dar voz aos personagens, interpretando-os como uma peça de teatro, pois há uma interação com a narrativa, mais do que num filme, conforme afirma Lovreto (2016).

3. *Jane Austen: perspectivas críticas*

Nesta fase do projeto, escolhemos focar a obra de Jane Austen, uma autora considerada canônica da literatura inglesa. Sua produção literária é vista como de grande relevância para práticas de letramento literário em disciplinas voltadas ao ensino de língua e literatura em escolas brasileiras, considerando-se a realidade da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Apesar de ser hoje uma das autoras inglesas mais aclamadas no mundo, Jane Austen apenas teve seu prestígio consolidado em 1923, após R. W. Chapman, um intelectual da cidade universitária de Oxford, preparar novas edições das obras dela. A partir de então, se iniciaram diferentes tipos de análises de seus livros, não mais baseados na afetividade dos leitores, porém, em métodos de filologia, história e crítica literária. Dessa forma, Chapman contribuiu para uma mudança de reputação da autora, que passou a ser vista como escritora de romances de alta arte, abrindo caminho para destaque cada vez maior na academia (BIAJOL, 2017, p. 4-5).

Antes disso, as obras de Jane Austen sofreram várias críticas, de diferentes naturezas, ao longo dos anos após a sua primeira publicação, de acordo com Biajol (2017, p. 4). Em suas primeiras críticas, foram conferidas às narrativas de Austen uma associação ao “mundo aristocrático conservador da Inglaterra regencial [...] símbolo de seu país”, principalmente após o período de Guerra Mundial, como vemos a seguir:

Durante décadas, os romances de Jane Austen foram comercializados de forma sentimental [...] e em muitas edições resumidas para leitura rápida, em especial na década de 1890. [...] No final da Primeira Guerra, porém, ela se transformou em símbolo de uma Inglaterra que quase deixou de existir por muito pouco, e precisava então ser restaurada, como uma relíquia de tempos passados. (BIAJOL, 2017, p. 4)

Mais ainda, Campos (2017) destacou que Jane Austen, além de descrever criticamente a sociedade inglesa, conseguiu aprimorar técnicas narrativas desenvolvidas, realizar aprofundamento psicológico de suas personagens e harmonizar fissuras do romance. Por essas razões, suas obras são extremamente importantes para a consolidação do gênero romanesco na Inglaterra (CAMPOS, 2017, p. 12). Assim, aos poucos cresceu a percepção de que Austen abrira novas perspectivas para o gênero juntamente com outros autores importantes, como Daniel Defoe, Samuel Richatdson e Herry Fielding, que apresentaram o romance de diferentes formas (WATT, 2010 *apud* CAMPOS, 2017, p. 11). Ela também

se destacou dos moldes de ficção de autoria feminina de sua época, que eram sobretudo ficção sentimental e gótica (CAMPOS, 2017, p. 14). E, até hoje, mais de 200 anos depois de sua primeira publicação, ainda cativa leitores de diversas idades.

Por essas razões, as obras de Jane Austen têm sido alvo de diferentes tipos de transposição midiática e adaptações, o que reforça sua relevância através dos tempos. Para Campos: “A importância de Jane Austen para a tradição literária deve-se a questões socioculturais e literárias discutidas em seus romances [...]” (CAMPOS, 2017, p. 11). Biajol, ainda, aponta associações das obras de Austen com questões políticas e culturais da época, como influência da Revolução Francesa e também como uma antecessora do movimento feminista ou, em outras palavras, por sua natureza “proto-feminista” (BIAJOL, 2017, p. 6-7).

De acordo com Harold Bloom, crítico estadunidense, os livros da romancista são dotados de uma “persuasividade” canônica, por apresentarem conteúdos envolventes e permitirem que o leitor seja inserido na obra (BLOOM, 1985, p. 246-7 apud ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 252). No entanto, Rosa, Vicentin, Campos e Abreu vão além, afirmando que:

Jane Austen encontra-se em uma posição mais elevada dentro do campo literário mundial, já que suas obras são (re)lidas e adaptadas para o cinema, televisão e teatro, além de ter grupos inteiramente voltados para o estudo e a encenação de seus romances, de forma que o número de seus leitores tem crescido cada vez mais. (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 252)

As autoras atribuem a difusão desses livros entre os leitores ao redesenho fácil e sem digressões, narrativas sentimentais, abundância de diálogos e a crítica à sociedade da época (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 253), em concordância com as críticas apontadas por Campos (2017) e Biajol (2017). Outro ponto interessante e cativante nas obras de Austen é a experiência adquirida e o amadurecimento das personagens ao final dos romances (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 255).

Entretanto, dentre todas as suas obras, acabadas e inacabadas, tais como “Sense and sensibility” (1811), “Pride and prejudice” (1813), “Mansfield Park” (1814), “Emma” (1815), “The Northanger Abbey” (1817) e “Persuasion” (1817), “Sanditon” (1925) e “The Watsons” (1871), foi com o seu segundo romance, “Pride and Prejudice”, publicado em 1814, que a autora obteve o maior número de publicações (ROSA;

VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 252.), destacando-se como o mais vendido de Jane Austen entre os anos 1813 e 1914. Isso pode ter ocorrido devido à fluidez do enredo (não haver digressões e descrições extensas), (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 253).

Eusebe Girault, na coletânea “Revue des Romans”, publicada em 1839, ao criticar “Pride and Prejudice”, exalta o gosto literário de Austen, afirmando que ela “era propensa ao tipo mais requintado de literatura, o que possibilitou que ela aprendesse o chamado ‘bom estilo’; e ainda afirma que o livro só é indicado para aqueles que anseiam por personagens inteligentes e diálogos astutos” (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014, p. 254). Desse modo, é possível observar que, desde a publicação, o romance recebeu avaliação crítica positiva e se caracterizou por seu alto grau de comunicabilidade junto ao público leitor, seduzido pela prosa envolvente da autora.

4. Leitura de adaptações de *pride and prejudice*: o universo dos quadinhos

Durante a fase de definição do clássico da literatura inglesa a ser trabalho em sala de aula, no âmbito da pesquisa, selecionaram-se, entre as adaptações, uma em inglês (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011) e outra traduzida para português (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), tendo como critério principal a adequação e a acessibilidade da obra “Pride and Prejudice” (2016) ao público de 8º ano do Ensino Fundamental II. A primeira obra selecionada faz parte da coletânea em HQ de Nancy Butler e Hugo Petrus (2011), da Marvel,⁷⁹ por ter um preço mais razoável considerando-se a realidade brasileira, ter um aspecto visual atrativo para o público e ser relativamente simples de obter, pois está em um volume único de *e-book* com as cinco HQs que compõem a coleção. Após o pagamento, já fica disponível imediatamente, evitando, dessa forma, problemas com entrega do produto. A respeito da opção em português, escolhemos o *graphic novel* de Ian Edington (2016)⁸⁰, pela edito-

⁷⁹ Adquirido através do site Amazon.com.br em 13 de abril de 2018 pelo valor de R\$19,52 em formato e-book kindle. Indisponível no formato físico. Atualmente se encontra no valor de R\$35,00 e pode ser acessado não só pelo aplicativo da Kindle, mas também pelo comiXology.

⁸⁰ Adquirido por meio do site Saraiva.com.br em 23 de julho de 2018 pelo valor de 24,90 em formato físico. Atualmente está indisponível no site da Saraiva, porém no site da

ra Nemo, disponível no site da Saraiva por preço também relativamente acessível, em formato físico. O pedido pode ser feito pelo site da Saraiva, mas a entrega é rápida e a retirada pode ser feita diretamente na loja escolhida.

Durante as férias de julho de 2018, realizou-se a leitura da obra integral “Pride and Prejudice” (AUSTEN, 2016), em formato *e-book* disponível no aplicativo da Editora Saraiva (LEV) e, concomitantemente, da adaptação em quadrinhos da Marvel, com a intenção de comparar o desenvolvimento das histórias em ambos as mídias, considerando-se os recursos utilizados para comprimir 500 páginas do original em 150 páginas da adaptação. Procurou-se responder às seguintes questões: quais aspectos foram ocultados, transpostos midiaticamente, reescritos etc.? No decorrer da realização, optou-se por uma leitura atenta apenas da obra original, frisando tópicos importantes para discussão, para o trabalho docente a ser desenvolvido no ambiente de escolarização. Houve, outrossim, uma tentativa de um diário de leitura para registro das experiências obtidas por meio da leitura da obra canônica e também de suas adaptações.

Após a leitura da obra original “Pride and Prejudice” (AUSTEN, 2016), buscou-se refletir sobre os pontos principais do enredo. Nesse processo, algumas questões podem ser destacadas, por exemplo: quais trechos podiam ser usados para fazer debates em sala (relações entre as transformações do cotidiano da época e do nosso)? Como desenvolver a competência comunicativa dos alunos atrelada à análise linguística e/ou semiótica? Nas adaptações, seria possível apontar trechos interessantes, engraçados e também trechos indispensáveis ao enredo da história?

Ao longo desse trabalho, também se buscaram referenciais teóricos, entre eles, artigos científicos, teses, dissertações e monografias que abordassem visão crítica dessa obra de Austen, de modo a proceder uma revisão mais vertical da literatura especializada. A partir disso, analisou-se a adaptação em português (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), observando quais aspectos foram ocultados da adaptação e quais foram transpostos midiaticamente, reescritos, semioticamente recriados etc. Antes de aprofundar a análise da versão em inglês da HQ escolhida, a qual seria mais desafiadora, debruçou-se, mais uma vez, sobre uma revisão bibliográfica direcionada à intermedialidade, com enfoque na linguagem

Amazon está disponível em e-book kindle por R\$22,41 e, em formato físico, por R\$ 29,88.

de quadrinhos. Após isso, aprofundou-se a análise do HQ em língua inglesa da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011).

A *graphic novel* “Orgulho e Preconceito” (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), em língua portuguesa, apresenta uma leitura fluida, corrida, que prima pela objetividade, sem divisão do texto em capítulos. Há enquadramentos com narração e imagens, e também há cenas que apresentam diálogos. Foi possível observar que, em muitas falas dessa versão traduzida para o português, há uma indefinição se a linguagem é predominantemente formal ou erudita ou se, de outro modo, os personagens seguem uma tendência mais informal/contemporânea, o que certamente afeta a identidade de seu estilo. Uma diferença muito destacável foi a exclusão da personagem Mary ao longo da narrativa. A personagem apenas aparece representada em duas ilustrações em toda adaptação, não tendo uma fala sequer ou comentários a respeito dela. Portanto, foi praticamente excluída. A exposição do perfil de Mary e de Sr. Collins como leitores nesse *graphic novel* (analisado na versão brasileira) (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), conforme apontado em análise feita por Campos (2017), foi totalmente ignorada para a comparação entre o perfil dos personagens Lizzie e Darcy.

Outro ponto de subtração desse *graphic novel* (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), sem nenhuma justificativa aparente foi a necessidade de uma releitura da carta da parte de Lizzie para que se acreditasse nas palavras de Darcy. Na adaptação (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), imediatamente após a leitura da carta, a opinião dela a respeito de Darcy muda. Tal modificação é compreendida como drástica, pois descaracteriza totalmente a crítica feita por Jane Austen a respeito do preconceito ao alterar-se a capacidade de julgamento de um texto/discurso nesse romance. Mesmo os autores da *graphic novel* serem reconhecidos por premiações, a adaptação apresentou falhas muito prejudiciais aos debates e reflexões pretendidos para o desenvolvimento de uma sequência didática a ser produzida como base para o trabalho de sala de aula. Além de não explorar os diversos recursos da linguagem HQ, limitaram-se a apresentar imagens enquadradas e texto (ora em narrativa, ora em diálogo dentro do balão convencional), não tendo, portanto, sido explorados os diversos tipos de requadro, de balão, de traçado e assim por diante. Observe o exemplo extraído da página 86 dessa *graphic novel* (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016):

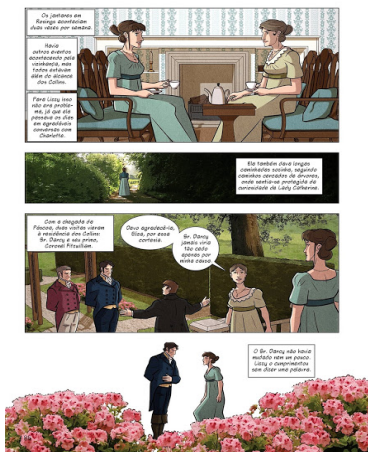


Figura 1: Página da graphic novel retirada de blog online (MEDEIROS, 2016).

A leitura dessa *graphic novel* (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016) trouxe uma curiosidade a respeito da semelhante representação das personagens Jane e Lizzy, loira e morena, respectivamente, tanto no filme de Joe Wright (2005) quanto no quadrinho da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011). Os traços atribuídos às feições de Lizzy da *graphic novel* sugerem uma certa indelicadeza e desfiguração, de modo a não apresentar a beleza selvagem que a personagem pedia.

O 1º quadrinho da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011) corresponde aos 12 primeiros capítulos da obra original. A adaptação da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011), diferentemente da feita pela editora Nemo (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), é uma HQ, pois corresponde à publicação de mais de uma revista. Por sua vez, a adaptação da Editora Nemo é uma *graphic novel* (única revista), como se fosse um livro gráfico. A história de Austen é desmembrada pela Marvel em cinco revistas (hoje disponíveis em um único e-book).

A edição da Marvel, em inglês, faz bom uso da linguagem HQ, onomatopeias, palavras com função de imagem, recurso de foco, de *timing* e os diversos usos de enquadramento. Na capa das revistas, há pequenas manchetes em estilo de revista adolescente, que na realidade representam alguns pontos pertencentes à narrativa. Alguns são frases in-

terrogativas cujas respostas não fazem parte da história do quadrinho. No entanto, essas frases produzem nos leitores a curiosidade de compreender de que forma os temas levantados nas manchetes se darão na história (ver Figura 2). Esse elemento confere um efeito paródico à narrativa, da HQ em si. E, assim, funciona como estratégia de aproximação com um público adolescente contemporâneo. Tal elemento também pode ser usado como recurso de estímulo à leitura, à produção textual ou, ainda, com base para atividades aliadas ao desenvolvimento da oralidade.⁸¹

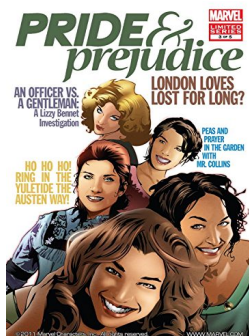


Figura 2: Capa do quadrinho 3 da coletânea de Austen, Buttler e Petrus (2011).

A linguagem e as situações da HQ em inglês são aqui sintetizadas e simplificadas. A parte visual é bem atrativa e sua apresentação inicial é didática por contextualizar o lugar e o período em que se passa a história. Dessa forma, pelo modo como a produção é organizada, com boa dinâmica entre elementos textuais e gráficos, ela pode ser empregada, de modo positivo, para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, ainda

⁸¹ A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) indica que os estudantes devem “mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para desenvolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018). São cinco os eixos organizadores: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos, dimensão intercultural (BRASIL, 2018). É importante destacar que, no que se refere ao 8º ano do ensino fundamental, o eixo de leitura e o da dimensão intercultural indicam um trabalho com textos narrativos em língua inglesa, considerados patrimônios culturais, buscando a construção de repertório cultural por meio de contato com manifestações artísticas vinculadas à língua inglesa.

que seja em língua inglesa – o que poderia, em princípio, afastar o público-leitor brasileiro, devido a dificuldades esperadas de compreensão. O professor, em sala de aula, pode inicialmente construir um bom contexto motivacional, de modo a estimular que o estudante encampe a tarefa de leitura produtiva de adaptação de textos literários clássicos, o que tornaria as práticas de letramento ainda mais interessantes, tendo em vista o intenso diálogo com as semioses contemporâneas, presentes, com desenvoltura e expressividade, nas HQs.

5. Considerações finais

O trabalho de pesquisa realizado no âmbito do projeto de Iniciação Científica considerou a força de comunicação visual que estimula a leitura não só de palavras, mas também de diversos outros códigos, signos, bem como de relações entre eles, que exigem significação de referências a sons e movimentos, entonação e duração de fenômenos, dentre outros elementos. Uma arte sequencial, a narrativa gráfica compõe-se dos três tipos de intermedialidade: composição midiática, transposição midiática e referência midiática. Nesse sentido, possibilita o trabalho ampliado com as práticas de multiletramento em aulas de língua estrangeira, desenvolvendo novas perspectivas de leitura de obras canônicas adaptadas para o público infantojuvenil.

Especificamente, escolheu-se a adaptação de “Pride and Prejudice”, romance originalmente produzido pela escritora inglesa Jane Austen, para os quadrinhos editados pela Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011). A forma como a HQ foi construída aponta para um trabalho que permite contemplar não apenas a habilidade de leitura em sentido estrito, mas também outras habilidades mais amplas, como leitura de mundo, pensamento reflexivo e interação com os colegas. Além disso, pode-se viajar por tempos outros, estabelecendo-se contato com elementos da sociedade inglesa do século XVIII-XIX. De acordo com Bakhtin (1992), é enquanto inscrito em um gênero do discurso, vinculado a certo campo da atividade humana, que o sujeito se apropria da linguagem e se constitui. Desta forma, o aluno pode construir dialogicamente sentidos múltiplos e, ainda, reescrever suas perspectivas do livro, pensando-se em nexos contemporâneos, de modo a inscrever-se ativamente na realidade circundante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. [digital] Sweden: Wisehouse Classics, 2016. Versão e-book.

AUSTEN, Jane; BUTLER, Nancy; PETRUS, Hugo. *Pride and Prejudice* [Digital], MARVEL. Limited Series, v. 1-5, 2011. Versão e-book. Disponível em: https://www.amazon.com/Pride-Prejudice-Predjudice-Vol-ebook/dp/B00CKWNMM4/ref=tmm_kin_title_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=. Acesso em: 12 out. 2018.

AUSTEN, Jane; EDGINTON, Ian; DEAS, Robert. *Orgulho e Preconceito*, Nemo, 2016, v. 1.

ARAÚJO, Paula Renata de. Dom Quixote e o Jovem leitor: Estudo das adaptações da obra e sua recepção no âmbito escolar (Brasil e Espanha). Tese de doutorado . São Paulo: FFLCH-USP, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. DE Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BIAJOL, Maria Clara Pivato. Jane Austen ao longo do século XX: do conservadorismo político à crítica de gênero disfarçada. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS (ANAIS ELETRÔNICOS)*, Florianópolis, 2017.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 abr. 2018.

CAMPOS, Priscila da silva. Concepções de leitura e de leitores em *Pride and Prejudice* e *Sense and Sensibility*. Dissertação (Dissertação em Letras). Santa Maria: UFSM, 2017.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILA, Zoara (Org). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. In: *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, V. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011.

COMICSTORE. *Orgulho e Preconceito # 3 (de 5)*. Digital Comics Store

Shop. 2019. Disponível em: <https://comicstore.marvel.com/Pride-Precjudice-3-of-5/digital-comic/12603>. Acesso em: 30 jul.2019.

CURTIUS, E. R. Classicismo. In: *LITERATURA EUROPEIA E IDADE MÉDIA LATINA*. Trad. de Teodoro Cabral em colab. com Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1. ed. 1957.

LOVETRO, José Alberto. *Origens das histórias em quadrinhos*. Salto para o futuro, História em Quadrinhos: Um recurso de Aprendizagem, versão *on-line* [pdf]. TV Escola. Ano XXI, boletim, p. 10-14, 01, abril 2011a. Disponível em https://www.moodlelivre.com.br/images/stories/pdf_ppt_Doc/181213historiaemquadrinhos.pdf. Acesso em: 28 ago.2018.

LOVETRO, José Alberto. *Quadrinhos levados a sério no ensino em sala de aula*: José Alberto Lovetro TEDxUnisinos. *On-line*. Youtube (14:46 min). Publicado em 29 jun. de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/Z1GC8NsF8T>wacessado. Acesso em: 8 de jun. de 2018.

MEDEIROS, Diana. *Orgulho e preconceito de Jane Austen (em Hq)*: Ian Edington e Robert Deas@ Editora Nemo. Meu vício em livros. 18 jan. 16 [imagem]. Disponível em <https://www.meuvicioemlivros.com/2016/01/pre-venda-orgulho-e-preconceito-de-jane.html>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

ROSA, Clarissa Resende; VICENTIN, Isabela Scarassati; CAMPOS, Isabella Maria Navarro Beneveni; ABREU, Márcia Azevedo de. A recepção e circulação dos romances de Jane Austen na Inglaterra, França e Brasil no período de 1811 a 1914. In: *Língua, Literatura e Ensino*, Unicamp, dez. v. 9, 2014. Disponível em <http://revistas.iel.unicamp.br/in dex.php/lle/article/view/4562>. Acessado em 23 jul.2018.

PERRONE-MOISÉS, L. O cânone dos escritores-críticos In: *ALTAS LITERATURAS*: Escolha e Valor na Obra Crítica de Escritores Modernos. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. [pdf]. Disponível em: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2018/04/perrone-mois-es-leyla-altas-literaturas.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

WRIGHT, Joe. *Pride and prejudice*. Direção. Reino Unido: UNIVERSAL. DVD (127 minutos), PAL, som, colorido, 2005.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yagashi; YAMAKAWA, Ibrahim Alisson. Letramento Dominante x letramento vernacular e suas implicações para o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ensino de literatura. In: *Revista Muitas Vozes*, Ponta Grossa, V. 2, n. 2, p. 185-98, 2013.